

A Produção da Vigorexia em Mulheres: Análise da Produção Científica a partir de uma perspectiva foucaultiana

Fabiana Loréa Paganini Stein¹
Paula Regina Costa Ribeiro²

Resumo

O estudo objetiva analisar, nos artigos presentes nas Bases de Dados *Science Direct* e *Scielo.Org*, como vem sendo produzida a vigorexia em mulheres, procurando entender os processos de objetivação e subjetivação que atuam sobre elas e os enunciados presentes nos discursos científicos que tratam dessa temática. Assim, busca-se estabelecer conexões com as teorizações de Foucault sobre governamentalidade, poder, discurso, enunciações e enunciados. A partir das análises das enunciações que tratam das mulheres nesses artigos, foram encontrados dois enunciados: “mulheres constroem corpos musculosos na busca da beleza *fitness* presente nas mídias e/ou na busca de minimizar violências” e “mulher vigoréxica como doente”.

Palavras-Chave: Governamentalidade; Mulheres; Objetivação; Subjetivação; Vigorexia.

1. Introdução

Cada vez mais, os corpos estão sendo valorizados por sua exterioridade, a qual é exibida, em redes sociais, como uma consequência do quanto se investiu na sua produção. Essa atitude está muito relacionada com a sociedade neoliberal em que vivemos, que traz, como imperativo, a competitividade entre as pessoas, as quais precisam ser empreendedoras e cada vez mais criativas. Segundo Foucault,

No neoliberalismo - e ele não esconde, ele proclama isso -, também vai-se encontrar uma teoria do *homo oeconomicus*, mas o *homo oeconomicus*, aqui, não é em absoluto um parceiro da troca. O *homo oeconomicus* é um empresário, e um empresário de si mesmo. [...] sendo ele próprio seu capital, sendo para si mesmo seu produtor, sendo para si mesmo a fonte de [sua] renda (2008a, p. 310-311).

Assim, o indivíduo será valorizado por todo o investimento que fará sobre si mesmo, considerando tanto o seu corpo como suas habilidades cognitivas, ou seja, o capital humano.

¹ Doutora em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG); Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola (Gese/FURG); Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil; e-mail: fabianap.stein@gmail.com.

² Doutora em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora Titular do Instituto de Educação da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Pós-Doutorado na Escola Superior de Educação de Coimbra/Instituto Politécnico de Coimbra. Líder do Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola (Gese/FURG). Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil; e-mail: pribeiro.furg@gmail.com.

Nesse viés, percebemos que os corpos de mulheres, que sempre estiveram em foco, talvez pela preocupação da sociedade com o papel que elas desempenham na geração de novos indivíduos, manutenção da força de trabalho e cuidado com a prole, igualmente, passaram por modificações ao longo da história, como consequência das racionalidades vigentes. Esses corpos foram valorizados pela corpulência, pela magreza, e, hoje, pela magreza associada ao desenvolvimento da musculatura (hipertrofia muscular).

A valorização do músculo, por muito tempo, tem sido associada à masculinidade (SANT'ANNA, 2014; LUCIANO, 2007). No entanto, muitas mulheres também passaram a desejar a hipertrofia muscular e, com isso, seus corpos escaparam daquilo que se considera o normal entre as mulheres, ou seja, corpos que “[...] tencionam representações culturalmente construídas para o feminino” (JAEGER; GOELLNER, 2011, p. 955) e que, de alguma forma, poderiam comprometê-las como força útil ao Estado ou, então, reverter em gastos relacionados à saúde para ele.

Nesse contexto, considerando a biopolítica como “[...] a maneira como se procurou, desde o século XVIII, racionalizar os problemas postos à prática governamental pelos fenômenos próprios de um conjunto de viventes constituídos em população: saúde, higiene, natalidade, longevidade, raças...” (FOUCAULT, 2008a, p. 431), entendemos que, na atualidade, foram tomadas medidas biopolíticas, as quais incluíram os sujeitos como possuidores de um transtorno denominado dismorfia muscular (DM ou vigorexia), caracterizado por uma preocupação patológica com a aparência corporal, pois acreditam que não são suficientemente musculosos (POPE JR *et al.*, 1997). Esse transtorno aparece em sistemas diagnósticos como: o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais V (DSM-V) e na Classificação Internacional de Doenças e Problemas relacionados à Saúde 11 (CID-11).

A vigorexia foi descrita, inicialmente, por Pope Jr. *et al.* (1993), como anorexia reversa, ou seja, o indivíduo receava ser pequeno, mas se enxergava dessa forma mesmo quando sua musculatura era desenvolvida. Anos depois, Pope Jr. *et al.* (2000) alteraram o nome de anorexia reversa para dismorfia muscular, visto que seus estudos indicavam que não se tratava de um transtorno alimentar, mas sim de um transtorno relacionado a uma alteração na percepção e/ou obsessões a respeito da sua musculatura. Atualmente, a dismorfia muscular, também conhecida como vigorexia (em países de origem latina) ou bigorexia, é considerada como uma especificação de um transtorno dismórfico corporal (TDC). No TDC, os indivíduos desenvolvem preocupações exageradas ou desnecessárias com uma parte do corpo que

pensam ser feia ou desproporcional (POPE JR *et al.*, 2000). Na vigorexia, a preocupação não é apenas com uma parte do corpo, mas com a musculatura dele todo (ASSUNÇÃO, 2002).

Com o grande estímulo à prática de atividades físicas como forma da manutenção da saúde que aconteceu durante os séculos XX e XXI, a comunidade científica passou a pesquisar o comportamento dos indivíduos em relação à busca pelo corpo musculoso e, muitos/as pesquisadores/as investigaram a vigorexia. Nesse viés, passamos a analisar, nos artigos presentes nas Bases de Dados *Science Direct* e *Scielo.Org*, de que forma vem sendo produzida a vigorexia em mulheres, procurando entender os processos de objetivação e subjetivação que estão atuando sobre elas e os enunciados presentes nos discursos científicos que tratam dessa temática. Partimos do pressuposto de que os artigos científicos acerca da vigorexia produzem algumas verdades, que circulam na comunidade acadêmica/científica, e, como afirma Sílvio Gallo (2017), as verdades estão associadas a um poder que subjetiva e que promove um governo de si.

2. Os Processos de Objetivação e Subjetivação na Constituição e Governamento dos Corpos das Mulheres com Vigorexia

Ao escolhermos estilos de vida, partimos da suposição de que somos indivíduos livres, autônomos. No entanto, conforme apontado por James Marshall (2011), Foucault, em seus estudos, mostrou que se trata de um mito, e que essa ideia que temos, a respeito de nós mesmos, na realidade, é uma construção para que sejamos governados. Assim, entendemos que buscar um corpo musculoso (mas sem excessos) significa adotar um estilo de vida que, sutilmente, é produzido pelas políticas de governo.

Foucault, no livro *Segurança, Território, População*, apresenta o conceito de governamentalidade, o qual consideramos ser potente para entendermos os processos de subjetivação que atuam sobre a produção dos corpos musculosos em mulheres. Nesse artigo, iremos considerá-la sob dois aspectos apontados pelo autor: como uma racionalidade de Estado, ou seja, uma forma de pensamento presente em determinada época e sociedade, no caso, a neoliberal, e também, como o encontro entre as técnicas de dominação e as técnicas de si (FOUCAULT, 2008b).

A governamentalidade surge atrelada ao objetivo de conduzir a conduta das pessoas, porém, em suas últimas obras, Foucault, aborda uma virada na subjetividade, destacando que, sobre o sujeito, além da atuação dos saberes e dos poderes, há também a do sujeito sobre ele mesmo, o que se pode chamar de subjetivação (GALLO, 2017). Logo, é preciso considerar a dupla identidade dos sujeitos, ou seja, ele enquanto objeto e sujeito da ação.

Foucault explica os modos de objetivação pelos quais os seres humanos são transformados em sujeitos: a) pela ciência (atuação do saber), b) pelas práticas divisoras (atuação do poder) e c) pela forma como o sujeito age sobre ele mesmo (CASTRO, 2016). Sendo o sujeito pensado como objeto e sujeito da ação, os processos de subjetivação são, também, processos de objetivação (GALLO, 2017).

Para ser governado, é necessário que o sujeito seja subjetivado, o que pode ocorrer, por exemplo, por ações biopolíticas, as quais atuam, muitas vezes, valendo-se das mídias. Segundo Sílvio Gallo (2017, p. 91), somos subjetivados, igualmente, “[...] nos vários serviços públicos, como a saúde e a previdência social, por exemplo, bem como pela mídia e por todo entorno social”.

As biopolíticas surgiram com o objetivo de adaptar a vida das populações a um determinado projeto do Estado, sendo que as funções das instituições médicas, educacionais e administrativas eram, claramente, normalizadoras, ou seja precisavam distribuir os indivíduos de acordo com a norma que definia quais comportamentos eram normais e especificava quais os desvios desse padrão (SIBILIA, 2015).

Nesse contexto, torna-se importante manter-se dentro daquilo que é considerado padrão, uma vez que, na lógica do neoliberalismo, os indivíduos são conduzidos de forma a participarem de uma sociedade em que impera a competição e, portanto, os corpos desviantes poderiam estar aquém dela. A competição pode acontecer, inclusive, em relação ao indivíduo consigo mesmo na busca de ser sempre mais. Isso pode ser exemplificado em relação à hipertrofia muscular em mulheres. Nesse sentido, podemos dizer que a governamentalidade produz subjetividades, ou seja, “a maneira pela qual o sujeito faz a experiência de si mesmo em um jogo de verdade no qual ele se relaciona consigo mesmo” (FOUCAULT, 2017, p. 230).

Os processos ou modos de subjetivação correspondem às “[...] formas de atividade sobre si mesmo”, as “[...] formas de relação consigo mesmo”, “[...] as práticas que permitem ao sujeito transformar seu próprio ser” (CASTRO, 2016, p. 409). Nesse viés, Foucault (2017, p. 229) propõe que se analise “[...] quais são os processos de subjetivação e de objetivação que fazem com que o sujeito possa se tornar, na qualidade de sujeito, objeto de conhecimento”, isto é, quais os jogos de verdade que fizeram do sujeito um objeto de conhecimento.

Em relação à vigorexia em mulheres, podemos pensar nos diferentes procedimentos que são adotados pela comunidade científica para observá-las, medi-las, fazê-las se confessar a respeito das práticas adotadas para adquirir o corpo musculoso. Ao voltar-se sobre si

mesma, a mulher produz uma autonarrativa como resultado do jogo entre os sistemas de subjetivação e dominação, e essa autonarração é o “[...] mecanismo onde o sujeito se constitui nas próprias regras desse discurso que lhe dá uma identidade e lhe impõe uma direção” (LARROSA, 2011, p. 72). Portanto, sobre aquilo que a mulher diz a respeito de si mesma, estão atuando poderes que a fazem questionar-se se está dentro dos padrões, por exemplo, em relação ao que se considera como corpo saudável, o que segue a biopolítica contemporânea.

O ponto de encontro entre a forma como os indivíduos são conduzidos e conduzem a si mesmos foi denominado, por Foucault, de governo (FOUCAULT, 2011). Assim, podemos pensar nos discursos científicos, os quais são considerados verdadeiros em nossa sociedade e que, de uma certa forma, subjetivam-nos, conduzem-nos. Para Foucault:

[...] as tecnologias de dominação agem, pois, essencialmente, sobre o corpo, e como resultado dos exames, os indivíduos são classificados e objetificados. Mas os indivíduos também constroem seus “eus” e suas identidades, na medida em que esses objetivos e classificações são adotados e aceitos por eles (MARSHALL, 2011, p. 25-26).

É o que acontece quando se considera a vigorexia como um transtorno mental, e ela passa a ser incluída no DSM e na CID. Nesses documentos, são apresentados uma série de critérios para o diagnóstico desse transtorno. Essas informações circulam nas publicações acadêmicas, mas também de uma forma mais popularizada, ou seja, pela internet ou em revistas de ampla circulação. Nesse viés, a partir dessas leituras, as mulheres podem entender-se como possuidoras de um transtorno.

Associadas às técnicas de dominação, estão as tecnologias de si, as quais, a partir de um cuidado de si com vistas à sua melhoria e aquisição da felicidade, baseado, muitas vezes, em verdades científicas, constituem um sujeito. A mulher aprende a buscar o corpo musculoso na lógica do neoliberalismo, que estimula que cada um/uma seja empreendedor/a de si mesmo/a. Dessa maneira, ela passa a vivenciar as tecnologias de si, ou seja, o conjunto de técnicas que têm como alvo as relações que o “[...] sujeito estabelece consigo mesmo enquanto agente” (GALLO, 2017, p. 80).

A constituição do sujeito está muito relacionada aos saberes científicos. Tais saberes fundamentam a governamentalidade. Para Foucault (2005, p. 204), saber é “esse conjunto de elementos, formados de maneira regular por uma prática discursiva e indispensáveis à constituição de uma ciência, apesar de não se destinarem necessariamente a lhe dar lugar”. Em relação à vigorexia, muitos artigos produzidos, pela comunidade científica, foram publicados trazendo verdades produzidas sobre a vigorexia como transtorno, porém poucos

deles abordaram, especificamente, os saberes sobre a vigorexia em mulheres, os quais passaremos a analisar nesse artigo.

Entendemos que os saberes produzidos a respeito da vigorexia, em mulheres, servem de suporte para o funcionamento do Estado, pois, em seus estudos a respeito da governamentalidade, Foucault destaca que o conhecimento político e a utilização dos indivíduos são importantes para reforçar o Estado e, assim, questões vinculadas à saúde são valorizadas para que aumente a sua força (MARSHALL, 2011).

Nesse viés, conforme Paula Sibilía (2015, p. 185), podemos dizer que o objetivo das biopolíticas é “[...] dominar a aleatoriedade”, mantendo toda a população sob controle a fim de que nada interfira na produtividade de cada um e com o propósito de que haja redução dos custos associados a possíveis tratamentos médicos. Seguindo essa linha de pensamento e buscando estabelecer algumas conexões com as teorizações de Foucault apontadas neste estudo, passamos a analisar o que os artigos científicos vêm produzindo sobre a vigorexia em mulheres.

3. Os Artigos Científicos e Análise dos Discursos sobre a Produção da Vigorexia em Mulheres

O nosso *corpus* de análise foi constituído por 12 artigos selecionados nas Bases de Dados *Science Direct* e *Scielo.Org*, presentes no Portal de Periódicos da Capes, nos anos de 1993 (ano em que, pela primeira vez, foi publicado um artigo com essa temática) até 2016 (ano que realizamos a produção dos dados empíricos³).

Esses artigos foram obtidos após a busca, nessas bases, com os descritores “vigorexia”, “bigorexia”, “muscle dysmorphia”, “muscle dysmorphism”, “body dysmorphic disorder” e “reverse anorexia” associados a “woman” ou “women”. Em um primeiro momento, encontramos 171 artigos na base *Science Direct* e 22 no *Scielo.Org*. Após a leitura desses artigos, foram selecionados aqueles (n=12) que abordavam, de alguma forma, a vigorexia em (ou também em) mulheres (Fig.1).

Figura 1 - Artigos Selecionados para Análise

TÍTULO	AUTOR	DATA	LOCAL
Interviewing principles for the psychiatrically aware sports medicine physician	Kamm, R. L.	2005	Estados Unidos
Muscle Dysmorphia: An underrecognized form	Pope Jr, H. G. <i>et al.</i>	1997	Estados Unidos

³ Este artigo é um recorte da Tese realizada no Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, da Universidade Federal do Rio Grande-FURG, nos quais buscamos investigar como a Ciência vem constituindo a mulher vigoréxica.

of Body Dysmorphic Disorder			
Muscle Dysmorphia in different degrees of bodybuilding activities: Validation of the Italian version of Muscle Dysmorphia Disorder Inventory and Bodybuilder Image Grid	Santarneccchi, E.; Dèttore, D.	2012	Itália
Sociocultural correlates of compulsive exercise: Is the environment important in fostering a compulsivity towards exercise among adolescents?	Goodwin; H. <i>et al.</i>	2011	Reino Unido
Compulsive weight lifting and anabolic drug abuse among women rape victims	Gruber; A.J.; Pope Jr, H.G.	1999	Estados Unidos
Adverse health effects of anabolic–androgenic steroids	Amsterdam, J. van <i>et al.</i>	2010	Holanda
Internalization of aesthetic ideals and body concern in males and females gym users	Martínez; N.B. <i>et al.</i>	2014	México
Dismorfia Muscular: A busca pelo corpo hiper musculoso	Azevedo, A.P. <i>et al.</i>	2012	Brasil
Dismorfia Muscular y su relación con síntomas de Trastornos de la Conducta Alimentaria	López, R.C. <i>et al.</i>	2013	Espanha
Proposição de um critério antropométrico para suspeita diagnóstica de dismorfia muscular	Oliveira, A.J.; Araújo, C.G.S.	2004	Brasil
Cuerpo y corporalidad desde el vivenciar femenino	Medina, M.A.M. <i>et al.</i>	2006	Chile
Autoconcepto y ansiedad: Detección de indicadores que permitan predecir el riesgo de padecer adicción a la actividad física	López-Barajas, D.M. <i>et al.</i>	2012	Espanha

Fonte: Base de Dados *Science Direct* e *SciELO.Org* (2016)

Para a análise do material empírico, utilizamos algumas ferramentas de Michel Foucault, relacionadas com a análise do discurso (enunciação e enunciado). Acreditamos que os artigos científicos que são produzidos por um grupo de pessoas as quais, em nossa cultura, têm voz autorizada a falar, ou seja, os/as cientistas, promovam modos de pensar e de agir vinculados a relações de poder e são essas verdades acerca da vigorexia, que de alguma forma, atuam sobre os indivíduos produzindo subjetividades, que queremos investigar.

De acordo com Foucault, o discurso corresponde a “[...] um campo de regularidade para diversas posições de subjetividade” (2005, p. 61) ou, ainda, “[...] práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam” (2005, p. 55), e esse possui, como unidade elementar, o enunciado. Assim, por meio dessa ferramenta, objetivamos encontrar as verdades produzidas a respeito da vigorexia nas mulheres. É a partir das enunciações presentes nos artigos científicos, ou seja, do “[...] conjunto de signos emitidos” (FOUCAULT, 2005, p. 114) que investigaremos essas verdades, procurando conhecer os enunciados vinculados a elas.

Iniciamos a análise desses artigos procurando investigar quais campos do saber estavam pesquisando a vigorexia em mulheres, quem eram os/as pesquisadores/as, o público-alvo das pesquisas, a forma como era realizado o seu diagnóstico. Além disso, investigamos o

que, especificamente, vinha sendo dito sobre as mulheres com vigorexia nessas duas bases de dados, correspondendo a uma parte da produção científica existente sobre essa temática.

Verificamos que as vozes autorizadas a falar eram pesquisadores/as das áreas de Psiquiatria, Psicologia, Ciências Neurológicas e Sensoriais, Educação Física, Medicina, Pedagogia e Educação vinculados/as a Universidades no México, Espanha, Itália, Estados Unidos, Reino Unido, Holanda, Brasil e Chile. Essa análise inicial nos levou a perceber que a preocupação com as modificações corporais, em mulheres é, predominantemente, abordada pelas áreas vinculadas à saúde e ao cuidado do corpo e apenas em países ocidentais, refletindo a preocupação da comunidade científica desses países em manter esses corpos dentro de um padrão considerado normal.

O público-alvo dessas pesquisas se constitui por atletas, fisiculturistas, levantadores de peso, pessoas que frequentavam academia de musculação, alunos/as de ensino médio, homens e mulheres não frequentadores/as de academia, indivíduos que participavam de uma avaliação médico funcional. Assim, seis dos doze artigos analisados realizaram a pesquisa com atletas, e os demais, apesar de não pesquisarem atletas, incluíam, em seu público-alvo, homens e/ou mulheres que frequentavam academia. Esse resultado era esperado por nós, visto que a produção de corpos musculosos, a característica principal da vigorexia, implica em um trabalho intenso com os aparelhos de musculação nas academias.

Passamos à investigação de uma dúvida recorrente para os/as estudiosos/as de gênero: quem eram as mulheres estudadas nessas pesquisas que tratavam da vigorexia? Percebemos que não haviam informações sobre raça/etnia, classe e posição social dessas mulheres, sendo apresentadas de forma genérica, com especificação, em alguns artigos científicos, somente da idade (entre 13 e 53 anos) e apenas um artigo destacou o estado civil dos/as participantes.

A partir das análises das enunciações que falavam da mulher, nesses artigos científicos sobre vigorexia, encontramos dois enunciados: “mulheres constroem corpos musculosos na busca da beleza fitness presente nas mídias e/ou na busca de minimizar violências” e “mulher vigoréxica como doente”, os quais serão analisados a seguir a partir do apontamento de enunciações que os fizeram aparecer. No primeiro enunciado abordaremos os processos de subjetivação que parecem estar atuando sobre o desejo de construção de corpos hipertrofiados pelas mulheres e no segundo enunciado, como e com qual propósito os discursos da Ciência incluem as mulheres vigoréxicas como portadoras de um transtorno.

4. Mulheres Constroem Corpos Musculosos na Busca da Beleza *Fitness* Presente nas Mídias e/ou na Busca de Minimizar Violências

É importante salientar que, durante nossa pesquisa, poucos foram os artigos que abordaram a vigorexia em (ou também em) mulheres (apenas 12 dos 193 artigos presentes nas bases pesquisadas), refletindo o estranhamento que se tem sobre as mulheres musculosas. Existem mulheres que querem ter o corpo com a musculatura definida, mas não são, necessariamente, fisiculturistas ou atletas e nem vigoréticas. Entendemos que essas mulheres se encontram na lógica neoliberal de construção do capital humano, pois “[...] o novo sujeito econômico deverá produzir a si mesmo por meio das novas tecnologias informacionais, nutricionais, educativas e físicas, as quais deverão ampliar suas capacidades corporais e cognitivas no sentido de torná-lo um ‘empreendedor de si mesmo’ (CÉSAR; DUARTE, 2009, p. 123).

Nesse intuito do autoempresariamento, estimulado pelo neoliberalismo, os/as pesquisadores/as, a partir de dados obtidos por questionários que investigam as implicações socioculturais, mencionam haver uma relação entre a busca pela musculatura entre as mulheres e o ideal de corpo proposto pela sociedade e pelas mídias, conforme as enunciações abaixo:

[...]mulheres cada vez mais estão demonstrando esse anseio pela estética musculosa, tendo em vista a popularização das modelos fisiculturistas concomitantemente aos apelos da mídia (AZEVEDO et al., 2012, p. 56).

Estas meninas adolescentes relataram a pressão da mídia para serem magras, bem como na sua busca pela magreza, contribuindo com a compulsão por exercício (GOODWIN et al., 2011, p. 394, tradução nossa).

Quanto à aparência, [...] 100% das mulheres relataram a hipertrofia muscular como objetivo ao praticar o treinamento de força, idealizando um corpo musculoso, proporcional e com baixo percentual de gordura (AZEVEDO et al., 2012, p. 62).

Surpreendentemente, não se observaram diferenças entre mulheres UG⁴ e NUG⁵ quanto à interiorização dos modelos estéticos corporais (MARTÍNEZ et al., 2014, p. 35, tradução nossa).

[...] essas descobertas sugerem que [as mensagens midiáticas]⁶ estão sendo consideradas por garotas adolescentes. É possível que estas mensagens estejam contribuindo para as práticas de exercício potencialmente prejudiciais tanto física como psicologicamente, tanto a médio como a longo prazo (GOODWIN et al., 2011, p. 394, tradução nossa).

⁴ Usuárias de academia.

⁵ Não usuárias de academia.

⁶ Figura, entre colchetes, um acréscimo feito pelas autoras para maior entendimento do excerto.

Essas enunciações mostram que a prática intensiva de exercícios, para aquisição de um corpo musculoso, é estimulada, nas mulheres (frequentadoras ou não de academia), pelo discurso do culto ao corpo associado a programas televisivos, revistas e pessoas famosas que, continuamente, valorizam exercícios, dietas e colocam em exposição seus corpos (HANSEN; VAZ, 2006), bem como pelo anseio que as mulheres têm de possuírem o corpo idealizado pela atual sociedade. Essas mulheres querem ser reconhecidas pela dedicação que tiveram em relação ao trabalho com a musculatura em seus corpos, ou melhor, como apontado por Roger Hansen e Alexandre Vaz (2006, p. 140), pelos “[...] centímetros (e gordura) a menos ou (de músculos) a mais”.

As mídias usam a questão da competição, estimulando a espetacularização dos corpos das mulheres tomados como ideais para que sejam imitados, e há, nesse sentido, um incentivo para um investimento das mulheres em si mesmas. Assim, as mídias se constituem como um meio de subjetivação, em que determinados comportamentos, os quais são sugeridos por elas, tornam-se necessários para que a mulher se sinta pertencente a determinado grupo, o daquelas que querem ser empreendedoras de si mesmas. Isso é ilustrado na enunciação a seguir:

Talvez o olhar que se tem hoje em direção ao feminismo seja um olhar fragmentado em que não há “apenas” a valorização do cuidado com a prole, no qual o desempenho da mulher era prejudicado e se restringia unicamente a tarefas domésticas (MEDINA et al. 2006, p. 168, tradução nossa).

Nesse viés, as mídias contribuem para que as mulheres vejam outras possibilidades de realização, de produção de si mesmas, de seus corpos, ou seja, para além do cuidado dos filhos e da casa, como no caso do aumento da musculatura e sua conseqüente exibição nas redes sociais. Portanto, as horas de investimento em treinamentos de musculação, em academias, de sacrifício em relação aos momentos de lazer, precisam ter o reconhecimento dos pares e da sociedade.

Nesse contexto, aparecem as musas *fitness*, mulheres que, reconhecidamente, possuem “uma vida de atleta, pautada em cuidados nutricionais, prescrição de exercícios físicos, medicamentos e procedimentos estéticos para potencializar suas arquiteturas corporais” (JAEGER; OLIVEIRA, 2020, p. 160) e que servem de inspiração para a produção de um corpo musculoso em muitas mulheres.

Por outro lado, uma das causas apontadas, para o desejo da potencialização muscular entre as mulheres, estaria associada ao fato de já terem sofrido alguma agressão sexual, o que as levaria a buscar um maior controle de seus corpos a partir da hipertrofia muscular.

No estudo com 75 levantadoras de peso, encontramos 10 (13%) que relataram terem sido estupradas quando adolescentes ou adultas. Nove dessas mulheres começaram ou aumentaram consideravelmente suas atividades de levantamento de peso após o ataque para se defenderem melhor contra homens (GRUBER; POPE JR, 1999, p. 273, tradução nossa).

Elas acreditavam que desencorajariam o ataque dos homens (seja por intimidação ou por estarem menos atraentes para os homens) e lhes permitiria protegerem-se se fossem atacadas novamente (GRUBER; POPE JR, 1999, p. 273, tradução nossa).

A violência contra a mulher é uma realidade mundial. Conforme o secretário-geral da ONU, Antônio Guterres, uma em cada três mulheres e meninas é vítima de algum tipo de agressão (ONU, 2019) e, no Brasil, em 2019, a cada 2 min era realizado um registro de violência doméstica, ocorreram 180 estupros por dia, sendo 81,8% em mulheres e 4 meninas de até 13 anos estupradas por hora (BUENO; LIMA, 2019). Nesse contexto, estratégias precisam ser tomadas pelas mulheres, e os artigos nos apontam que a produção de um corpo musculoso é uma delas, como nessa enunciação:

[...]o desejo da mulher por um ganho muscular, inclusive exagerado, associado à eventual interrupção da menstruação pela prática de dietas restritivas, tem produzido corpos mais andrógenos e menos diferenciados da figura masculina (MEDINA et al., 2006, p. 168, tradução nossa).

Essas mulheres acreditavam que a presença de um corpo hipermusculoso poderia acabar com a ideia de que os homens eram mais fortes que elas. Muitas dessas mulheres também começaram a usar em excesso os esteroides anabolizantes⁷ a fim de que a musculatura fosse obtida mais rapidamente e numa proporção que, de forma natural, não acreditavam ser possível alcançar. Elas também relataram a mudança na dieta, que passou a ter o uso de suplementos.

[Antes da agressão] elas acreditavam que mulheres que usavam substâncias anabolizantes não tinham força de vontade ou não tinham disciplina para alcançar seus objetivos através do trabalho duro (GRUBER; POPE JR, 1999, p. 275, tradução nossa).

[...] nós encontramos que 32 (84%) dessas mulheres relataram uma preocupação severa em serem musculosas e magras, a ponto de experimentarem problemas sociais ou ocupacionais ou uma angústia proeminente. Doze (38%) dessas 32 mulheres usaram esteroides anabolizantes, enquanto 20 (62%) não haviam usado (POPE JR et al., 1997, p. 550, tradução nossa);

⁷ Esteroides anabolizantes são drogas sintéticas derivadas da testosterona e costumam ser utilizadas para aumentar a performance esportiva e obter rapidamente o aumento do tamanho e volume dos músculos.

Apesar dos efeitos colaterais como: a acne e a clitoromegalia, ela continuou usando os esteroides anabolizantes em altas doses administradas pelo seu treinador por via intramuscular (GRUBER; POPE JR, 1999, p. 275, tradução nossa).

[...]66,6% das mulheres relataram consumir suplementos alimentares, em especial, os hiperproteicos e os compostos por aminoácidos (AZEVEDO et al., 2012, p. 63).

Percebemos, nesse comportamento, de utilização de substâncias ergogênicas⁸ e de suplementos alimentares, mais uma característica do neoliberalismo “[...] é uma sociedade do acontecimento. Nela, o longo prazo já não parece fazer sentido. Vive-se no curto prazo, numa cultura do instantâneo” (SARAIVA; VEIGA-NETO, 2009, p. 193). Essas enunciações refletem, do mesmo modo, a ação do mercado na subjetivação dos indivíduos, ou seja, o mercado como formador do capital humano. Assim, existe um desejo de rapidamente se conseguir a hipertrofia muscular, com produtos que o mercado passa a oferecer. As mulheres passam a ser presas do processo de subjetivação controlado pelo mercado (CÉSAR; DUARTE, 2009).

No entanto, os anabolizantes afastam o corpo da mulher daquele que se considera como um padrão de corpo feminino, tanto pela aparente perda da feminilidade referente, padronizada, quanto pelos riscos que causam para a saúde e para a fertilidade da mulher, o que poderia comprometer o seu papel na reprodução. Cria-se, desse modo, a necessidade de intervenção por meio de ações biopolíticas para que os corpos femininos se mantenham dentro dos padrões considerados saudáveis. Estamos na sociedade da seguridade, em que o foco é manter a segurança, evitar o risco que se torna conhecido a partir dos saberes (FOUCAULT, 2008a). No neoliberalismo, importa operar sobre os indivíduos para que não se tornem um risco e, sejam, de alguma forma, produtivos.

Logo, não se trata de uma simples dominação, mas sim de uma condução de condutas, o que implica na adesão daqueles/as que serão governados e, nesse contexto, é importante a ação da biopolítica, com campanhas que mostrem os riscos da utilização de substâncias ergogênicas.

Na governamentalidade, a conduta dos indivíduos só ocorrerá se ele entender que há sentido naquilo que lhe é proposto, uma vez que, somente assim, o comportamento esperado será adotado. Nos dias de hoje, ela vem associando os dispositivos de seguridade (ancorados no poder disciplinar e no biopoder) aos dispositivos de controle (SARAIVA; VEIGA-NETO, 2009), havendo, portanto, um refinamento nas técnicas de governo. Existe um

⁸ Substâncias utilizadas para aumentar o desempenho na realização de exercícios ou na prática de esportes.

deslocamento da ênfase na disciplina para a ênfase no controle que se dá pela subjetivação, a qual ocorre, muitas vezes, por ressonância das novas tecnologias.

Dessa maneira, o mercado, por meio dessas tecnologias, passa a vender a ideia de que os suplementos alimentares e os esteroides anabolizantes são importantes na aquisição dos corpos musculosos desejados por algumas mulheres. Além disso, as redes sociais encarregam-se de fazer o controle contínuo desses corpos, pois todos vigiam e são vigiados a todo momento em relação às produções corporais.

Karla Saraiva e Alfredo Veiga-Neto (2009, p. 189) apontam que “o princípio de inteligibilidade do neoliberalismo passa a ser a competição: a governamentalidade neoliberal intervirá para maximizar a competição, para produzir liberdade para que todos possam estar no jogo econômico”. Em decorrência disso, exige-se a perfeição dos corpos, e uma competição, inclusive consigo mesmo/a, o que é bastante perceptível entre as mulheres atletas e não atletas. De acordo com Silvana Goellner, “[...] como uma estratégia do governo dos corpos femininos, a ênfase na superação e o desafio de otimizar a aparência é uma das forças que sustenta o hiperconsumo” (2008, p. 8-xx, tradução nossa). A competição é estabelecida também entre os gêneros quando, por exemplo, as mulheres, assim como os homens, buscam a musculatura desenvolvida. Isso é constatado na seguinte enunciação:

Surpreendentemente, as mulheres UG não diferiram dos homens NUG, quanto às pontuações médias. Este resultado corrobora com a suposição de que uma parte da população feminina, especificamente as que realizam exercícios em academias, têm o mesmo desejo de ganhar massa muscular que os homens (MARTÍNEZ et al., 2014, p. 34-35, tradução nossa).

A história vem mostrando que, por muito tempo, as diferenças biológicas entre homens e mulheres as colocaram numa posição inferior. Assim, entendemos que a busca por corpos semelhantes, em termos de musculatura, poderia contribuir na superação de situações de desigualdades de poder vivenciadas pelas mulheres a fim de que tenham maior autonomia. Logo, produzir um corpo musculoso, como resultado de um desejo próprio, seria uma demonstração do controle que a mulher tem sobre seu próprio corpo, sua vida, além de representar o estabelecimento da sua identidade social, conforme apontado na enunciação abaixo:

Quanto aos benefícios em ser musculoso, ambos os gêneros descreveram as mesmas respostas, nas quais 50% dos participantes relataram aumento da autoestima, 35% apresentaram melhoras no aspecto social, principalmente ao afirmarem que o corpo musculoso “impõe respeito” sendo mais aceitos em seus grupos sociais e 15% melhorias estéticas... (AZEVEDO et al., 2012, p. 62).

Por fim, há, nos artigos analisados, a comparação da vigorexia como um culto ao corpo por parte das mulheres:

Na atualidade, a atribuição à figura feminina seria validada apenas a partir de um olhar estético, hedonista resultando em um verdadeiro culto ao corpo. Culto que, como muitos outros, está sujeito a rituais e possui um nome próprio: vigorexia; exige presença regular no local de culto ou templo: academia; sua prática se dá pela repetição de sentenças ou mantras: slogans verbais e/ou música estereotipadas marcam o exercício e, finalmente, uso de uma vestimenta que fornece identidade aos pares: roupas “fitness”, equivalentes ao véu, “kipá”, etc. (MEDINA et al., 2006, p. 167, tradução nossa).

Conforme Le Breton (2013, p. 193), existe uma relação entre sociedade e ritualização das atividades corporais, “a todo instante o sujeito simboliza, por meio do seu corpo (seus gestuais, suas mímicas etc.), a tonalidade de sua relação com o mundo. Nesse sentido, o corpo, quaisquer que sejam as sociedades humanas, está sempre significativamente presente”. Nesse viés, o culto ao corpo, por parte das mulheres, demonstra a sua relação com o mundo, sinalizando um crescimento do individualismo e da cultura de si entre elas, com valorização da *performance* corporal. Existe uma intensificação das relações consigo mesmas.

Para Edvaldo Couto (2012, p. 182), “o triunfo do corpo nas atividades físicas e esportivas extremas propaga o culto ao desenvolvimento pessoal e ao bem-estar imediato”. Nesse sentido, a mulher pode entrar no jogo da obsessão pelo desempenho corporal e desenvolver a vigorexia, passando a ser um transtorno, como discutido no próximo enunciado.

A leitura dos artigos científicos nos possibilitou analisar os mecanismos de subjetivação que poderiam estar atuando no desejo da mulher pela hipertrofia muscular. Percebemos que, na racionalidade neoliberal, por meio do refinamento das técnicas de governmentação, a mulher busca ampliar suas capacidades corporais como uma forma de demonstrar sua capacidade de autoempreendedorismo e, também, por acreditar ser capaz de evitar situações de violência.

5. Mulher Vigorética como Doente

Os artigos analisados, em sua maioria, adotam um discurso de vinculação da vigorexia a um transtorno, conforme notamos nas enunciações abaixo:

Sintomas associados incluem longas horas fazendo levantamento de peso; atenção excessiva com a dieta, renúncia de atividades sociais, profissionais ou de lazer para manter a rotina de exercícios e da dieta; evita ou tem ansiedade intensa em situações em que o corpo será exposto; sofrimento clinicamente significativo e/ou comprometimento social ou profissional causado pela preocupação e

manutenção das atividades de musculação apesar de saber das consequências físicas ou psicológicas adversas (GRUBER; POPE JR, 1999, p. 274, tradução nossa).

Tanto a obsessão quanto a compulsão pela prática exacerbada do treinamento de força em busca do corpo perfeito podem gerar outras consequências maléficas ao vigorético, como o “overtraining”. [...]Essa insistência em continuar com o treinamento mesmo após lesões pode estar significativamente associada aos sinais de dismorfia muscular (AZEVEDO et al., 2012, p.59).

[...] os autores encontraram homens e mulheres que apresentam uma forma de transtorno dismórfico corporal na qual eles tornam-se patologicamente preocupados com o seu grau de musculatura. Essa condição tem sido temporariamente denominada pelos autores como “dismorfia muscular” (POPE JR et al., 1997, p. 548, tradução nossa).

Algumas pessoas têm uma boa visão de seu problema; elas reconhecem objetivamente que são musculosas, mas esse conhecimento não lhes traz tranquilidade. Outras têm menos discernimento; estão convencidas de que parecem muito menores do que outras pessoas que são do mesmo tamanho que elas (POPE JR. et al., 1997, p. 550, tradução nossa).

Seria mais útil considerar a dismorfia muscular como um transtorno independente e assim concentrar-se no desenvolvimento de medidas que capturem adequadamente sua singularidade e permitam um processo de diagnóstico diferencial mais eficiente (SANTARNECCHI; DÈTTORE, 2012, p. 397, tradução nossa).

Os resultados demonstram que as preocupações com a imagem corporal geram insegurança social, baixa autoestima e sentimentos de inferioridade, que seriam resolvidos se a pessoa tivesse corpos belos e fortes (AZEVEDO et al., 2012, p. 53).

Essas enunciações vêm ao encontro da atual valorização da exterioridade dos corpos, um contexto do qual a mulher faz parte. Por meio dessa ideia, ela é levada a uma intensa dedicação ao corpo, com uma grande valorização da musculatura, incluindo dietas, treinamentos excessivos de musculação, o que gera uma insegurança em relação à sua posição na sociedade. Esses comportamentos vão sendo associados a um transtorno mental.

Entretanto, uma das características da vigorexia, que a faria atravessar a linha tênue entre a busca simples por uma hipertrofia muscular e um transtorno mental é o fato de que algumas mulheres, como resultado de uma operação neoliberal, apesar de terem o corpo musculoso, não conseguem ter essa percepção sobre si mesmas; característica apontada na definição de vigorexia pelo DSM-V, onde ela aparece como um transtorno em que as pessoas, ainda que tenham uma musculatura desenvolvida acima da média, enxergam-se pequenas e fracas (APA, 2014). Isso pode ocorrer, inclusive, entre as atletas fisiculturistas, ou seja, essa distorção a respeito de sua própria imagem.

Nesse sentido, a inclusão da vigorexia como um transtorno, até mesmo nos sistemas diagnósticos como: DSM-V e CID-11, reflete uma prática da governamentalidade, em que é

preciso que haja um gerenciamento da população para trazê-la para a norma, isto é, um processo de normalização com o intuito de prevenir riscos em relação à sua saúde, por exemplo. Assim, ações biopolíticas são tomadas como ações de cuidado para fazer viver. Segundo Foucault (2008b, p. 61), “[...] a segurança tem essencialmente por função responder a uma realidade de maneira que essa resposta anule essa realidade a que ela responde - anule, ou limite, ou freie, ou regule”.

Ao analisarmos as enunciações, percebemos, nelas, a presença de várias características da dismorfia muscular destacadas pelo DSM-V como, por exemplo: a renúncia de atividades sociais, profissionais ou de lazer em função dos treinamentos, a ansiedade em expor o corpo pelo medo que os outros percebam os defeitos que imagina ter, a não consideração de que atingiu a musculatura desejada e a constante comparação com os corpos de outras pessoas.

Partindo do entendimento de que a vigorexia seja um transtorno, ocorre o processo de objetivação, ou seja, é preciso tornar esses sujeitos como casos. Dessa maneira, passa-se ao esquadramento desses corpos por meio do exame, que se configura nos diferentes testes diagnósticos encontrados nesses artigos analisados, destacando-se: Questionário Complexo de Adônis (POPE JR *et al.*, 2000), Testes para Dismorfia Muscular (Muscle Dysmorphia Disorder Inventory-MDDI, HILDEBRANDT *et al.*, 2004) e a Escala de Busca pela Musculatura (Drive for Muscularity -DMS, MCCREARY; SASSE, 2000).

*[...] o questionário denominado Complexo de Adônis, proposto por Pope, Katherine, Phillips e Olivardia [2000], traduzido e validado para o espanhol por Baile, Monroy e Garay (2005). Esse questionário é composto por 13 itens com 3 opções de resposta e avalia o grau de preocupação que um sujeito sente sobre sua aparência física e em que medida pode influenciar negativamente outros aspectos de sua vida, tornando-se comportamentos patológicos. A pontuação máxima no teste é de 39 pontos. Pontuações abaixo de 9 pontos relatam ausência de preocupação patológica, entre 10 e 19 pontos há um grau moderado, entre 20 e 29 pontos caracteriza um Complexo de Adônis⁹ sério e, finalmente, pontuações entre 30 e 39 apontam um problema muito sério com a imagem corporal (LÓPEZ-BARAJAS *et al.*, 2012, p. 94, tradução nossa).*

A versão final do MDDI inclui sete questões que acessam os três fatores diagnósticos associados com a DM [Dismorfia Muscular]: desejo pelo tamanho, ansiedade com a aparência e esquiva (SANTARNECCHI; DÈTTORE, 2012, p. 397, tradução nossa).

A DMS mede atitudes e comportamentos que refletem o grau de preocupação das pessoas em aumentar seus músculos. É composta por 15 itens com seis opções de resposta, onde pontuações altas indicam maior motivação para aumentar os músculos. Para este instrumento, Maida e Armstrong

⁹ Corresponde a outro nome como a vigorexia é conhecida.

(2005) propuseram um ponto de corte maior ou igual a 52 (MARTÍNEZ et al., 2014, p. 31, tradução nossa).

Foucault (2011) aponta que, para governar as pessoas, é preciso achar o equilíbrio entre a coerção e os processos pelos quais o sujeito modifica a si mesmo. Nesse sentido, podemos destacar as técnicas ou as tecnologias de si, em que, segundo ele, o indivíduo busca descobrir e formular a verdade concernentes a si mesmo.

Esses testes refletem uma ação da governamentalidade enquanto união das técnicas de dominação e as técnicas de si, e essas últimas são vinculadas a dois procedimentos, a saber: o exame e a autonarrativa. Foucault (2011, p. 156) aponta que “[...] para o governo das pessoas em nossas sociedades, todos devem não só obedecer, mas também produzir e tornar público a verdade sobre si mesma, então o exame de si e a confissão estão entre os mais importantes desses procedimentos”.

As mulheres pesquisadas nos artigos científicos sobre vigorexia, ao examinarem-se por meio dos testes propostos pelos/as pesquisadores/as em relação à vigorexia, conhecem a si mesmas, verificam se estão em conformidade com as regras estabelecidas pela comunidade científica e procuram regular suas condutas. Além disso, por meio dos testes, ocorre a confissão, ou seja, a exposição da verdade sobre suas práticas em relação aos seus corpos.

No entanto, alguns/mas pesquisadores/as chamam a atenção para a necessidade de os testes utilizados, para o diagnóstico da vigorexia, estarem adaptados às mulheres:

É razoável pensar que a dismorfia muscular apresenta-se diferentemente nas mulheres, principalmente em relação às partes do corpo que desejam um aumento de tamanho. Uma validação desses instrumentos dentro de uma amostra feminina é, portanto, necessária (SANTARNECCHI; DÈTTORE, 2012, p. 402, tradução nossa).

Mais uma vez, o desejo da musculatura é subentendido como exclusivo dos homens, já que “[...] os contornos musculares podem desacomodar noções de feminilidade referente” (JAEGER; OLIVERIA, 2020, p. 161) e, em função disso, não houve a preocupação em adaptar a maioria dos testes para as especificidades da mulher. Entretanto, as enunciações abaixo, encontradas nesses artigos, registram a ocorrência da vigorexia em mulheres:

Fisiculturistas parecem estar mais em risco [para desenvolver DM] do que outros atletas, e há uma maior incidência em mulheres fisiculturistas (KAMM, 2005, p. 758, tradução nossa).

A presença de sintomas de dismorfia muscular em [...] menos de 3% das mulheres que frequentavam academias (MARTÍNEZ et al., 2014, p. 29, tradução nossa).

Entre as 65 mulheres [atletas] que não relataram história de estupro, 56 (86%) apresentaram dismorfia muscular (GRUBER; POPE, 1999, p. 274, tradução nossa).

Essas enunciações refletem o investimento (muitas vezes excessivo) das mulheres na produção dos seus corpos em um mercado competitivo. No entanto, elas também já posicionam essas mulheres como possuidoras da dismorfia muscular e, portanto, a atuação da comunidade científica, acerca das escolhas que elas fazem, em relação a seus corpos, passa a ter um papel importante. Logo, percebemos o processo de subjetivação quando os critérios diagnósticos circulam em meios de divulgação e popularização da Ciência, e as mulheres passam a se reconhecer como vigoréticas.

Nesse viés, a análise dos artigos nos permitiu perceber que os/as pesquisadores/as se preocuparam em chamar a atenção para a relação entre a vigorexia e alterações da autoimagem, com comportamentos obsessivos-compulsivos, conforme demonstrado nas enunciações seguintes:

[A dismorfia muscular vem] provocando alterações da percepção da autoimagem, prejuízos socioculturais e na saúde e bem-estar dos indivíduos (AZEVEDO et al., 2012, p. 53).

[...] outro traço psicológico comum à dismorfia muscular, e que foi claramente narrado pelos participantes da pesquisa, refere-se à constante checagem dos ganhos musculares, com repetidas observações de seu corpo no espelho. Não surpreendentemente, 90% dos participantes (75% dos homens e 100% das mulheres) afirmaram esta prática compulsiva (AZEVEDO et al., 2012, p. 61).

A dismorfia muscular se assemelha a um transtorno obsessivo-compulsivo: a pessoa experimenta pensamentos obsessivos sobre a musculatura e comportamentos compulsivos associados, como a checagem comparativa, constante confirmação de que é musculosa e excesso de exercícios (POPE JR et al., 1997, p. 552, tradução nossa).

[...] mulheres com dismorfia muscular percebem o estado de insatisfação corporal, anseiam pelo corpo ideal e dificilmente reconhecem limites físicos e psicológicos para a aquisição de um corpo hipermusculoso (AZEVEDO et al., 2012, p. 64).

Nessas enunciações, notamos a presença de um dos ingredientes do neoliberalismo, que é a “[...] maximização da liberdade individual” (VEIGA-NETO, 2018, p. 9, tradução nossa), isto é, cria-se a ideia de que as pessoas são livres, passíveis de fazer suas próprias escolhas, mas esses comportamentos obsessivos e compulsivos, observados entre as mulheres com vigorexia, desmentem esse pensamento de total liberdade. Elas estão presas a comportamentos que lhe proporcionarão a produção do corpo musculoso desejado e que permitirão que façam parte da sociedade competitiva.

Nesse sentido, ao finalizarmos as análises, o que percebemos é que há uma tendência dos/as pesquisadores/as em considerar que a busca da hipertrofia muscular para muitas mulheres não é uma escolha livre. Para eles/as, em grande parte das vezes, as mulheres sacrificam a vida social e profissional em busca de um corpo que raramente será atingido, ou melhor, que dificilmente elas perceberão ter adquirido. No entanto, a partir dos estudos foucaultianos, entendemos que as verdades são produzidas, e que a busca pela potencialização muscular pode ser apenas um estilo de vida desejado pelas mulheres como consequência dos princípios do neoliberalismo: competição e autoempreendedorismo, os quais as levam a querer superar limites.

6. Considerações Finais

A valorização do capital humano, presente na atualidade, estimula que as mulheres vejam na produção do corpo musculoso uma forma de mostrar o investimento que fazem em si mesmas. Para Maria Simone Schwengber *et al.* (2018), há uma subjetivação decorrente das orientações da cultura *fitness* (produtos, serviços e modos de ser associado ao *fitness*) e da forma como ela vai ensinando modos de ser e de relacionar-se com os outros em decorrência do culto ao corpo. Todavia, a partir das enunciações pesquisadas, percebemos que muitos/as pesquisadores/as entendem que essa busca pelo corpo musculoso pode levar à vigorexia.

A análise das enunciações, presentes nos artigos científicos, que abordavam a vigorexia em mulheres, fez-nos perceber que as áreas que a pesquisam (Psiquiatria, Psicologia, Medicina, Educação Física, Pedagogia, Ciências Neurológicas e Sensoriais) entendem a vigorexia como um transtorno, possivelmente, porque há um estranhamento em relação a esse comportamento de desenvolvimento excessivo da musculatura, inclusive em mulheres, e por notarem uma possibilidade de risco para a saúde desses indivíduos e para o seu papel como força de trabalho para o Estado.

A partir desse entendimento, há uma tendência à normalização desses corpos e, em consequência, os/as pesquisadores/as procuram detectar a incidência de pessoas que poderiam estar à margem do que se considera normal. Essa preocupação poderia estar associada à questão do papel reprodutivo das mulheres, fato que parece ser confirmado pelo número de artigos que abordam a relação da vigorexia com os anabolizantes (8 dos 12 artigos analisados), substâncias que podem comprometer, seriamente, a saúde e a fertilidade dos indivíduos. O cuidado é com os extremismos, os quais podem gerar sofrimentos físicos e psicológicos, além de comprometerem a saúde da população que precisa ser conduzida. Assim, o governmentação vale-se do discurso científico para subjetivar as mulheres, ou seja, os

seus corpos precisam estar enquadrados em critérios que garantam que eles permaneçam dentro da normalidade instituída pela sociedade e, talvez, para que não ameacem, de forma alguma, o poder associado aos corpos masculinos.

No contexto atual, mecanismos de objetivação e de subjetivação são percebidos em relação à mulher vigoréxica. Ela é tomada como um caso pelos/as pesquisadores/as de muitos artigos analisados, e isso é confirmado pela quantidade e em função da variedade de testes diagnósticos presentes nas pesquisas consideradas e pela inclusão da vigorexia como um transtorno dismórfico corporal no DSM-V e na CID-11. Dessa maneira, variadas estratégias vão constituindo a mulher que leva ao máximo o seu volume muscular como vigoréxica e por isso, doente. O conhecimento desse corpo permite o seu governo, a condução de suas condutas, pois o sujeito torna-se objeto da relação poder-saber. Ainda, os mecanismos de subjetivação estão atuando, sobre as mulheres, sob duas vertentes: a primeira é o fato de que o saber científico que constitui a vigorexia como um transtorno circula no meio social, já que são divulgados os critérios diagnósticos para que as pessoas se reconheçam como tal; a segunda é que as mídias e as redes sociais vão instituindo modos de ser e estar, de possuir um corpo belo. Logo, as musas *fitness*, continuamente, acabam expondo como incorporar a cultura *fitness*, bem como os efeitos dessa cultura na produção das suas arquiteturas corporais (JAEGER; OLIVEIRA, 2020).

A partir das análises dos artigos, percebemos o enunciado “*mulheres constroem corpos musculosos na busca da beleza fitness presente nas mídias e/ou na busca de minimizar violências*”. Atualmente, há uma outra forma de olhar a mulher musculosa, ou seja, ela é aquela que busca ser empreendedora de si mesma, uma característica do neoliberalismo, caso das fisiculturistas e das mulheres que não são atletas, mas que valorizam a exposição do trabalho realizado com seus corpos à custa de sacrifícios com dietas e musculação como um reflexo do autoempresariamento. Essas mulheres visam, por meio da potencialização muscular, conquistar o seu espaço na sociedade, maximizando o controle sobre seu próprio desenvolvimento.

Além disso, o que queremos, à luz das teorizações foucaultianas, é problematizar a verdade que vem sendo trazida pela Ciência, com o enunciado “*mulher vigoréxica como doente*”¹⁰. Entendemos que existem condições, na atualidade, que contribuem para a constituição desse enunciado, destacando-se que: os corpos precisam ser saudáveis e

¹⁰ Neste artigo consideramos mulheres vigoréxicas, aquelas que buscam o desenvolvimento da musculatura em seus corpos, muitas vezes, apenas como um estilo de vida, e, portanto, não são, necessariamente, doentes (compreendemos que, nesse caso, precisaria haver um prejuízo ou sofrimento do indivíduo, como aponta o DSM-V).

comportamentos obsessivos e compulsivos em relação à hipertrofia muscular podem causar lesões musculares; os corpos precisam ser úteis para o trabalho, e esses comportamentos podem comprometer o trabalho; os corpos precisam ser férteis e o uso de anabolizantes, associados ao trabalho muscular, pode causar infertilidade parcial ou total; a necessidade de criar um padrão de diagnóstico (DSM-V) a fim de minimizar o sofrimento que mulheres vigoréticas são passíveis de ser acometidas; e o desejo de superar os próprios limites, o qual partiu do estímulo ao autoempendedorismo. No entanto, dizer que mulheres que buscam o corpo musculoso possuem um transtorno é uma verdade associada a mecanismos de poder, e, portanto, produzida pelo discurso científico de áreas que respondem aos conhecimentos biológicos e de saúde.

Finalizamos este artigo com o entendimento de que existem condições que contribuem para o estabelecimento dessa verdade pela comunidade científica, as quais foram apresentadas ao longo das análises, tais como: estranhamento ao corpo musculoso em mulheres, práticas de governamento para evitar riscos à população e ações biopolíticas para fazer viver. Por outro lado, buscar um corpo musculoso, também pode refletir um desejo das mulheres pelo reconhecimento social, que demarcaria suas autonomias e capacidades de superação de situações de desigualdade.

Referências

APA.AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *Manual de Diagnóstico e Estatística de Distúrbios Mentais DSM 5*. Porto Alegre: Artmed, 2014.

ASSUNÇÃO, S. S. M. Dismorfia Muscular. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, [S. l.], v. 24, supl.3, p. 80-84. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbp/a/rk9JwfSJpNQL7GRqM7CtfXc/?lang=pt> . Acesso em: 16 de out. 2016.

AZEVEDO, A. M. P. *et al.* Dismorfia muscular: A busca pelo corpo hiper musculoso. *Motricidade*, [S. l.], v. 8, n. 1, p. 53-66. 2012.

BUENO, S.; LIMA, R. S. *Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2019*. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2019.

CASTRO, E. *Vocabulário de Foucault: Um percurso pelos seus temas, conceitos e autores*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

CÉSAR, M. R. A.; DUARTE, A. Governo dos corpos e escola contemporânea: Pedagogia do *fitness*. *Educação e Realidade*, [S. l.], v. 34, n. 2, p. 19-134, mai./ago. 2009.

COUTO, E. S. As façanhas dos extremos: O triunfo do corpo nas atividades físicas e esportivas radicais. In: COUTO, E. S.; GOELLNER, S. V. (Orgs.) *O Triunfo do Corpo: Polêmicas Contemporâneas*. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 161-185.

FOUCAULT, M. *A Arqueologia do Saber*. 7.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária., 2005.

FOUCAULT, M. *Nascimento da Biopolítica*. São Paulo: Martins Fontes, 2008a.

FOUCAULT, M. *Segurança, Território, População*. São Paulo: Martins Fontes, 2008b.

FOUCAULT, M. Subjetividade e verdade. In: AVELINO, N. (Org.). *Do Governo dos Vivos: Curso no Collège de France, 1979-1980* (excertos). 2. ed. ampliada. Rio de Janeiro: Achiamé, 2011. p. 149-166.

FOUCAULT, M. 1984: Foucault. In: MOTTA, M. B. (Org.). *Michel Foucault: Ética, sexualidade e política*. Coleção Ditos e Escritos V. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2017. p. 228-233.

GALLO, S. Biopolítica e subjetividade: resistência? *Educar em Revista*, Curitiba, n. 66, p.77-94, out./dez. 2017. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/er/a/nmFRqJV8P8mRGzbB3j7bHXm/?lang=pt&format=pdf> . Acesso em: 17 de out. 2019.

GOELLNER, S. V. Deporte y Cultura *Fitness*: La Generización de Los Cuerpos Contemporâneos. *Revista Digital Universitaria*, [S. l.], v. 9, n.7, p. 1-xx-11-xx, jul. 2008.

GOODWIN, H. *et al.* Sociocultural correlates of compulsive exercise: Is the environment important in fostering a compulsivity towards exercise among adolescents? *Body Image*, [S. l.], v. 8, n. 4, p. 390-395. 2011.

GRUBER, A. J.; POPE Jr, H. G. Compulsive weight lifting and anabolic drug abuse among women rape victims. *Comprehensive Psychiatry*, v. 40, n. 4, p. 273-277, jul./aug.1999.

HANSEN, R.; VAZ, A. “Sarados” e “gostasas” entre alguns outros: aspectos da educação de corpos masculinos e femininos em academias de ginástica e musculação. *Movimento*, Porto Alegre, v. 12, n. 01, p. 133-152, jan./abr. 2006.

HILDEBRANDT, T. *et al.* Muscularity concerns among men: Development of attitudinal and perceptual measures. *Body Image*, [S. l.], v. 1, p. 169-181. 2004.

JAEGER, A. A.; GOELLNER, S. V. O músculo estraga a mulher? A produção de feminilidades no fisiculturismo. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 19, n. 3, p. 955-975. set./dez. 2011.

JAEGER, A. A.; OLIVERIA, M. C. Explorando o Instagram das Musas *Fitness*: Beleza, heteronormatividade e erotização. In: WENETZ, I.; ATHAYDE, P.; LARA, L. (Orgs.). *Gênero e sexualidade no esporte e na educação física*. Natal: EDUFRN, 2020. p. 155-169.

KAMM, R. L. Interviewing Principles for the Psychiatrically Aware Sports Medicine Physician. *Clinics in Sports Medicine*, [S. l.], v. 24, n. 4, p. 745-769. 2005.

- LARROSA, J. Tecnologias do eu e educação. In: Silva, Tomaz Tadeu da (Org.). *O Sujeito da Educação: Estudos Foucaultianos*. Petrópolis: Vozes. 8.ed. 2011.
- LE BRETON, D. *Antropologia do Corpo e Modernidade*. Petrópolis: Vozes. 3.ed. 2013.
- LÓPEZ-BARAJAS, D. M. *et al.* Autoconcepto y ansiedad: detección de indicadores que permitan predecir el riesgo de padecer adicción a la actividad física. *Cuadernos de Psicología del Deporte*, [S. l.], v. 12, n. 2, p. 91-100. 2012.
- LUCIANO, L. Muscularity and masculinity in the United States: A historical overview. In: THOMPSON, J. K.; CAFRI, G. (Eds.). *The muscular ideal: Psychological, social, and medical perspectives*. Estados Unidos: American Psychological Association. 2007. p. 41-65.
- MARSHALL, J. Governamentalidade e educação liberal. In: SILVA, T. T. (Org.). *O Sujeito da Educação: Estudos Foucaultianos*. Petrópolis: Vozes, 8. ed. 2011. p. 21-34.
- MARTÍNEZ, N. B. *et al.* Internalization of aesthetic ideals and body concern in males and females gym users. *Revista Mexicana de Trastornos Alimentarios*, [S. l.], v. 5, n. 1, p. 29-38. 2014.
- McCREARY, D. R.; SASSE, D. K. An exploration of the drive for muscularity in adolescent boys and girls. *Journal of American College Health*, [S. l.], v. 48, p. 297-304. 2000.
- MEDINA, M. A. M. *et al.* Cuerpo y corporalidad desde el vivenciar femenino. *Acta Bioethica*, [S. l.], v. 12, n. 2, p. 165-168. 2006.
- ONU. Organização das Nações Unidas. *Começam os 16 Dias de Ativismo pelo Fim da Violência contra as Mulheres*. 2019. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2019/11/1695601> Acesso em: 22 jan. 2020.
- POPE JUNIOR, H. G. *et al.* Anorexia nervosa and "reverse anorexia" among 108 male bodybuilders. *Comprehensive Psychiatry*, [S. l.], v. 6, n. 34, p. 406-409, nov./dez. 1993.
- POPE JUNIOR, H. G. *et al.* Muscle dysmorphia: an underrecognized form of body dysmorphic disorder. *Psychosomatics*, [S. l.], v. 6, n. 38, p. 548-557, nov./dez. 1997.
- POPE JUNIOR, H. G. *et al.* *O Complexo de Adônis: A obsessão masculina pelo corpo*. Rio de Janeiro: Campus. 2000.
- SANT'ANNA, D. B. de. *História da Beleza no Brasil*. São Paulo: Contexto. 2014.
- SANTARNECCHI, E.; DÈTTORE, D. Muscle dysmorphia in different degrees of bodybuilding activities: Validation of the Italian version of Muscle Dysmorphia Disorder Inventory and Bodybuilder Image Grid. *Body Image*, [S. l.], v. 9, n. 3, p. 396-403. 2012.
- SARAIVA; K.; VEIGA-NETO, A. Modernidade Líquida, Capitalismo Cognitivo e Educação Contemporânea. *Educação e Realidade*. v. 34, n. 2, p. 187-202, mai./ago. 2009.

SCHWENGBER, M. S. *et al.* Espriamento discursivo da cultura do Fitness na contemporaneidade. *Movimento*. Porto Alegre, v. 24, n. 4, p. 1167-1178, out./dez. 2018.

SIBILIA, P. A privatização das biopolíticas. *In:* SIBILIA, P. *O homem pós-orgânico: a alquimia dos corpos e das almas à luz das tecnologias digitais*. 2.ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015. p. 179-203.

VEIGA-NETO, A. Gubernamentalidad neoliberal: implicaciones para la educación. *In:* NOGUERA-RAMÍREZ, C. E. (Org.). *Alfredo Veiga-Neto y los estudios foucaultianos em educación*. Bogotá: Universidad Pedagógica Nacional, 2018. p. 193-225.

La Producción de la Vigorexia en Mujeres: Análisis de la Producción Científica desde una perspectiva foucaultiana

Resumen

El estudio tiene como objetivo analizar, en los artículos presentes en las Bases de Datos *Science Direct* y *Scielo.Org*, cómo se está produciendo la vigorexia en mujeres, buscando comprender los procesos de objetivación y subjetivación que actúan sobre ellas y los enunciados presentes en los discursos científicos que tratan este tema. Por lo tanto, buscamos establecer conexiones con las teorizaciones de Foucault sobre: gubernamentalidad, poder, discurso, enunciaciones y enunciados. Del análisis de las enunciaciones que tratan sobre las mujeres en estos artículos, se encontraron dos enunciados: "mujeres construyen cuerpos musculosos en la búsqueda de la belleza *fitness* presente en los medios de comunicación y/o en la búsqueda de minimizar la violencia" y "mujer vigoréxica como enferma".

Palabras claves: Gubernamentalidad; Mujeres; Objetivación; Subjetivación; Vigorexia.

La production de la vigorexie chez les femmes : Analyse de la production scientifique a partir d'une approche foucauldienne

Résumé

Cette étude a pour objectif d'analyser, dans les articles retrouvés dans les bases de données *Science Direct* et *Scielo.Org*, comment est produite la vigorexie chez les femmes, en cherchant comprendre les processus d'objectification et subjectivisation qu'opèrent sur elles et les énoncés présents dans les discours scientifiques à propos de ce sujet. Ainsi, on s'occupe d'établir connexions avec les théorisations de Foucault sur gouvernementalité, pouvoir, discours, énonciations et énoncés. À partir des analyses des énonciations concernant les femmes dans ces articles, on a trouvé deux énoncés : « les femmes construisent des corps musclés à la recherche de la beauté *fitness* présent dans les médias et/ou à la recherche de minimiser la violence » et « la femme vigorexique en tant que malade ».

Mots-clés: Femmes ; Gouvernementalité ; Objectification ; Subjectivisation ; Vigorexie.

The Production of Vigorexia in Women: Analysis of Scientific Production from a Foucaultian Perspective

Abstract

The study aims to analyze, in the articles present in the *Science Direct* and *Scielo.Org* databases, how vigorexia has been produced in women, seeking to understand the objectification and subjectivation processes that act on them and the statements present in the scientific speeches that deal with this theme. Therefore, it is intended to establish connections with Foucault's theorizations about governmentality, power, discourse, enunciations and statements. From the analysis of the enunciations that address women in these articles on vigorexia, two statements were found: "women build muscular bodies in search of the 'fitness beauty' present in the media and/or in search of minimizing violence" and "woman's vigorexia as sickness".

Keywords: Governmentality; Objectification; Subjectivation; Vigorexia; Women.